

No Carlos Brand's, para as colunas
mais finas de A Terra e a

Méças

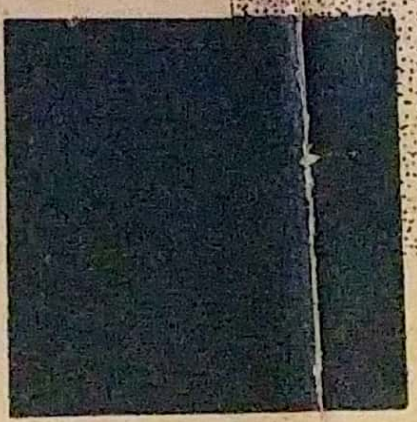
Revista Literaria

do

Colégio

Pedro II

ANCCD



Dir e ç ã o

JULIO-GALPER

JULIO-SALER

DARIO-SANTO

Casa Teixeira Pinto Ltda.

Material Elétrico

Rua Republica do Peru, 95

Fones: 2-1019 e 2-0185

End. Telegr. "AMPÈRE"

Caixa Postal 1744

CASA GARIBALDI

Grande fabrica de

Espelhos «Bisectantes»
Completa seção de

Livraria e Papelaria

J. P. DOS SANTOS & C.

Rua de S. Pedro, 217 | 221

(Canto da Avenida Passos)

Telefones: 4-0741 e 4-2837

Calçar bem?

CASA NERO

Grande sortimento de calçados

69-Rua S. José-69

Fone 2-3545

MEDICAL ENGLISH

Para o exame vestibular da
Faculdade de Medicina

Livraria Alves

Editora

RIO DE JANEIRO, S. PAULO,

BELO-HORIZONTE

JOALHERIA TAVARES

DE

Via S. Castro

Jóias e Objetos de Arte

Rua do Ouveidor, 93

Tel. 4-4563

RIO DE JANEIRO

CASA COIMBRA

O. M. VIANNA & CIA

Alfaiataria Militar
Uniformes de todos os collegios
do Brasil

Enxovais completos para
linhas de tiro

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 39

TELEF. 2-6164

CURSO "AMOROSO COSTA"

(AULAS DIURNAS E NOTURNAS)

Exames vestibulares para os cursos Universita-
rios, Escola Militar e Naval (curso prévio).

Curso especializado para técnicos e Navegantes
(Escola de Aviação Militar) por um grupo de profes-
sores civis e Militares.

Diretor: Eng. Civil Fernando Tinôco

AVENIDA RIO BRANCO, 117 - 2.º and. — Edifício «Jornal do
Comercio», sala 223 — Expediente de 9 às 11 hs. e de 15 às 17 hs.

CASA COLONIAL

Papeis, cadernos,
brochuras, etc.

Experimente nosso
Lapis COLONIAL

Aos alunos do Pedro
II preços especiais

Rua Buenos Ayres, 273

ALFAIATARIA

LAURIA

J. LAURIA

Rua São José, 67-1.º

Tel. 2-4382

BREVEMENTE

As Quatro Catalinarias
de Cicero, com anota-
ções em português

Livro indispensável
aos alunos do curso
secundario

Pedidos á

Industria do Livro

Rua São José, 35

SALÃO EDEN

BARBEIRO

Rua da Alfandega

164

Papelaria Avelino

Artigos para Escritorio
e Coleteiros

Rua Buenos Ayres, 253

Tel. 4-4544

Dr. Telesforo E. B. Valadares

ODONTÓLOGO DENTISTA

Real Sociedade Brasileira de
Beneficencia

RUA URUGUAYANA, 24-1.º

Tel. 2-4145

FABRICA NACIONAL

DE

Bombons, chocolates, cara-
melos, confeitos, etc.

Rua Paulo de Frontin, 74

Fone 2-9515

FARMACIA
OSVALDO CRUZ

OLARIA
Rua Etelvina, 9

Manipulação estrogênica.
Capriciosa seção de perfumaria

-----ATENEU-----

EXPEDIENTE

Administração - Julio Galper (fundador)
 Redação - Julio Salek e Ari da Mata
 Representação no Internato - Dario dos Santos
 Representantes
 Turno da manhã - Antonio Rebelo
 3.º Tarde - Paulo Alves e Manoel Salek
 » 3.º noite - Eugenio Montecia

A correspondencia deve ser enviada ao Externato do Colégio Pedro II
 W AVENIDA MARECHAL FLORIANO, 80 W

CASA MOZIRÃO

Grande fábrica de espelhos
 Oficina de Bisutação e espelhagem
 Grande sortimento de espelhos

Atendemos com brevidade todas as encomendas

PREÇOS ESPECIAIS

Rua General Caldwell, 96

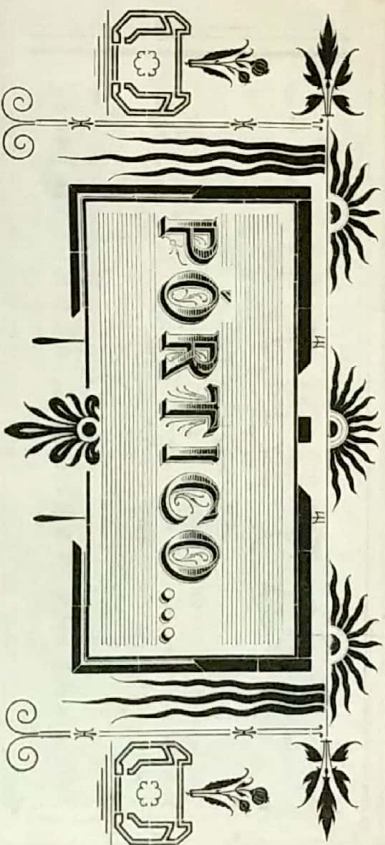
Telefone 4-4095

A. RUTTEMBERG

RUA MONGORVO Filho, 43 e 45

Grande Fábrica de Móveis

Vendas por atacado



QUA na velha Grécia, pátria da Arte e da Ciência, que os poetas e retóricos, num templo sob

berço de poesia e oratória, se reuniam para ponderar suas obras admiráveis, ao som da fanfara triunfal das trombetas argéias da fama que os arreolava.

Esse templo se chamava Ateu e assim passou á História, única que o soube conservar, pois o tempo, sempre a ceifar vidas e ilusões, transformou-o em ruínas atestadoras da decadência, sepultando-o para sempre no tumulo inísciel do esquecimento.

Milhares de anos se passaram e nunca mais lá poelaram os vates nem declamaram retóricos. Mil inventos revocheronaram a civilização, inúmeras descobertas alargaram o campo da atividade humana e a imprensa se alastrou, alcançando os metros estudiantinos.

Então, num colégio tradicional, um grupo de jovens, animados pela grandeza de um ideal, quiseram fundar um novo Ateu. No vasto e úbertrino terreno das letras, erigiram os primeiros alicerces, que eram apenas pequenos tipos de chumbo desse maravilhoso mundo, que jámais Gutenberg julgara poder servir tanto á humanidade...

Esse novo templo é esta revista, este minúsculo ATENEU.

Não se nem as colunas gregas, obras primas de esculptura, nem tribunas cheias de pre abertas aos que querem lutar no campo da literatura.

Moderatos, simplórios mesmo, nas suas linhas eternas, elas encerram em si o tesouro de um ideal e a nobreza de esforço das que aqui escreverem, não lhes faltando mérito e capacidade, bem dignos do Ateu grego.

Esses, pois, dispostos a lutar sempre e sem desanimo, sem programa, porque não ha programma nem limite nas possibilidades literarias.

ATENEU é, pois, um simples idealista, vanguardista da Arte, que reúne o torro de si seus cultores, a expor o que produzem, com beleza inequalavel e modestia sem par.

Quando muito mais tarde, um estaloso tiver a paciencia de rebusar nos arquivos os origens deste Colégio, procurará fazer sua heróica historia, encontrará um, talvez o mais modesto, que quis reter a palavra o sentido arcaico que se perdia no fundo dos dicionarios, rememorado de sobre da toda a poeira do obitio... e o tempo, anos mais, pesará sobre este thipulano ATENEU, como pesará outrora sobre aquelle minúsculo e antigo dos poetas e retóricos gregos...



ARTISTAS
CAPRÃO
DE
BOI

— O velho Simão era um cearense, hromizado, que as madrugadas do sertão, por mais que se esforçassem, nunca superpenderam na rede, quando de ele repousava, dormindo como um justo, o corpo cansado das fadigas do dia. Conheço em 1905. Era era então de cinco anos, mas já sabia apreciar a ternura humana, vestida de algarão ou de seda, personalidade, alguma figura humilde ou nos brillos imponentes da elegancia.

O velho Simão era um homem doce e bom na sua raiz de matuto. Tinha sempre, nos labios, uma palavra amavel e, nas mãos callosas, um gesto macio como o seu coração de sertanejo. Gostava das crianças. Procurava, agradando com a sua fortuna de pobre: a simplicidade e a bondade. Convinha-me aquelle sorriso enternecido com o que o velho carrero conquistava, serenamente, a sensibilidade infantil.

Uma noite de inverno, depois da ceia da coalhada com rapadura, que a minha precorre eu, eu dispensei na tranquilla fazenda do "Lançatã", o velho Simão, sentido no hante do alpendre colonial, fumando seu cachimbo de barro, contou-me a historia mais linda que eu já ouvi na minha vida.

— Menino — começou ele, paternalmente, com a sua voz demorada de sertanejo do sertão, — eu tenho setenta e cinco anos e desde os quinze, não faço outra coisa senão

DIVAGAÇÕES
FREUDIANAS

O homem para Freud é um todo composto de três partes: o *id*, o *ego* e o *superego*. O *id* ou inconsciente é a alma primitiva; o *ego* é a alma dual, normal e o *superego* a alma ideal. O individuo perfeito seria aquelle, em que houvesse equilibrio entre as três partes, ou melhor em que houvesse dose-gem, proporção na função de cada um das três partes, ao se executar um determinado acto. Da atrofia, ou predominancia de um desses elementos é que surgem os delirios, agindo como

um selectum, pertencendo a este grupo toda sorte de degenerados e isto na fase de regressão; ou de super-excitado, póde resultar um individuo super-normal, que possui uma visão mais ampla, que se sente projectado fóra do seu meio, num mundo que não é seu, que se revolta e tende para a perfeição, é representativa desta modalidade o profetismo, o revóluto contra a situação existente e dominante, procurando então modular o meio em que vive "idealmente". A esta classe pertence

tanque carros de bois curvados sob a carga. Mas nunca mais encontrei um carro tão do-cil, que me compreendesse tanto, como o primeiro que levei pelas estradas do Camidê. Pertencia ao coronel seu avô e fez muitas viagens, carregando carga e gente para a vila. Sob o sol ou sob o luar, no inverno ou na seca, aparrando chuva ou roncando de calor, ele era o mesmo carro que não me dava trabalho e não parava no meio do caminho. As duas juntas de bois que o arrastavam estavam já acostumadas ao ranger manucado e aos solavancos desse companheiro cuja lembrança não me sai da memoria. Quando a agua das chuvas fortes varria a terra das estradas, cavando as rodas por onde eu tinha de passar, o carro pulava mais, entre as suas grandes rodas de madeira, gemendo, talvez sentindo a nostalgia da sua vida antiga de arvore frondeosa e opulenta. As vezes, os bois rajados, de enormes pontas indolentes, queriam parar no caminho cheio de lama, exaustos da jornada estafante. Mas para que servia o ferrão? Era só encostado na garupa dos bois e estes apressavam o passo manso, cheirando o chão e sacudindo as patas encharcadas. Durante pouco de vinte anos, eu andei, pelo sertão, com esse carro que me iniciou na profissão de carrero. Atravessi rios, subi ladeiras, passei noites vendo o luar sobre o hombro dos bois e ouvindo a voz melancolica das cantadeiras. Mas não cansei, nem me fatia do meu carro vagaroso...

O velho Simão fez uma pausa, para bater a cinza do cachimbo na sola do couro e até da alpercata sertaneja e depois proseguir: — Pois você quer saber, menino, qual foi o fim desse carro? Eu arrigalei, ingenuamente, os olhos e agucei, curioso, os ouvidos habitados a só escutarem historias de *francisco*... A chuva não havia cessado e continuava a cair rudemente, na grande noite escura e desolada do sertão. De vez em quando, o alpendre da casa da fazenda se iluminava com as lanternas vertiginosas dos relampagos e eu escorria, medrosamente o rosto na gola de emissão de doerem. Os sapas cantavam e os pagueos e nos ruidos, uma estranha sonata de contentamento...

— O carro do coronel seu avô acabou carregando a bagagem de seu pai, quando ele se mudou daqui para a vila, na véspera do casamento... Na volta caiu dentro do rio do Ganidê e foi levado pelas aguas barrentas, numa noite escura como esta. Nova pausa do velho Simão. Nova curiosidade do garoto ingenuo que eu era. Nova expectativa da minha fantasia de criança.

— Eu não sou supersticioso, — concluiu balangando a cabeça o tranquillo carrero. — Mas ninguém me tira de cabeça que o carro se suicidou com saudades do pai. Porque eu, também, chorei, nessa noite, chuvas. Chorei pela primeira vez...

Faz vinte e cinco anos que eu ouvi essa linda historia. A civilização já invadira a minha terra cearense. As velhas estradas riscadas pelas rodas da anoeira, são, hoje, rodovias modernas, por onde gritam as luzinhas dos automoveis. O conforto é outro. Outra é a rapidez com que se viaja pelo interior. Entretanto não posso esquecer o carro de boi... Eu sou, mesmo, um homem antigo...

toda sorte de revolucões e reformadoras. No individuo normal é a alma átrial que predomina contrastando pela alma primitiva e pela alma ideal, corrigindo e harmonizando a sua vontade com os seus atos e o meio ambiente.

Vê-se que, se o primitivo interpenetra o mundo com o seu "eu inconsciente" (o seu eu primitivo, brutal, selvagem), o super-normal interpenetra o mundo exterior com o seu "eu ideal" (eu atenuado para mais), determinando assim o aproveitamento de hipoteses gratuitas e utópicas, que barbaço ou iludido o "eu normal" das mul-

Moyés Gikovate

DE HOMÉRO A PLATÃO

Ideia do Ser Supremo

Nelson Romero

Recolhendo em seus cantos a subdordia das tradições, que encontrara, Homero compreendia a Grécia de seu tempo, e, como representante da cultura grega, teve larga influencia no pensamento posterior.

Em sua poesia, cuja força expressiva inconfundível e cuja perfeição de imagens, na manifestação da ação de seus heróis, tem sido até hoje exemplo magnífico de obra literaria imperceptível, os deuses apparecem quasi prototypos transcendentes das qualidades humanas.

Estas, porém, com toda a grandezza a que atingem, não distarham as imperfeições terrenas; o antropomorfismo retraxa, em delineamentos exactos, transportadas para os imortaes, situações realisimas da vida quotidiana.

E' lembrar esses imortaes com fórmas humanas, sujeitos ao tempo, sujeitos ao destino, sujeitos ao governo de um soberano, o qual, por sua vez não escapava aos desígnios da fatalidade...

Não se insertavam das paixões que os homens sentem. Assim amavam e lutavam, como os homens, e com os homens chegavam a ter conceitos passionaes.

Não se encontra em Homero noção precisa da virtude como ideal de elevação e nobreza, qualidade do homem que melhora e se diviniza na claridade sem par da perfeição colorada fóra das contingencias e angustias das concreções materiaes.

Para éle a virtude não passa de uma superabundância das qualidades boas dos homens, mas a bondade em seu conceito é por demais circumscrita ao âmbito das operações que se medem pela epuracão, como fétos palpaevs...

Nos poemas homéricos a dependencia do homem á providencia que tudo regula e tudo dirige, não deixa de coarctar e mesmo anular a liberdade humana.

Vê-se que não é clara a comprehensão da dependencia, nem ha perfeita distincção entre o cenário das ações humanas e o divino. Passasse dos heróis aos deuses e destes a deuses aquelles como em nossos cãdidos se pôde passar de um templo a um templo e vice-versa.

Presente de Dois de Dezembro

ESCRANOLLE DORIA

Nos annos do Collegio de Pedro II não ha data de mais nullo, por lembrar fundação e fundador.

A 2 de Dezembro de 1825, nascia no palacio de S. Cristóvão D. Pedro II, ultimo filho de D. Pedro I e de D. Leopoldina, filho pelo exilio paterno e a morte materna impedido de conhecer pais.

Cresceria entre orfanidade e solidão, entre irmãs com pouca differença de idade, a terna mas rinha, Maria da Glória, nascida no Rio de Janeiro, mas rinha de Portugal com o nome d D. Maria II.

Na menoridade de D. Pedro II successivas regencias procurariam governar um Brasil agitado, somente em paz além da Maronidade, quando a revolta praxeira enverrou o ciclo sangunolento das lidas criss, acurtrida Carrias á obra de guerra e paz.

A 2 de Dezembro de 1837, D. Pedro II completou doze annos de idade. Costume antigo é presenter quem faz anos. Aos doze annos de D. Pedro II a Regencia Olinda, assistida pelo ministro do Imperio Bernardo de Vasconcelos, abriu creção d rega daditosa e malitica.

Não presentou o menino imperial e sim a nação creando o Collegio de Pedro II. E' até o fim de brasileira vida e largo renado o patrono do Collegio quis, mais procurou, ainda mais sobre ser o desvelado conservador do presente regencial no natalicio de 1837.

Paulo de Frontin

Das coisas. Agnosito quanto á percepção da essencia e attributos da divindade, éle respeitava-a, porque sentia a necessidade de sua existencia, para explicação das coisas, e principalmente da ordem moral.

Por isto cumpria as prescrições do culto. Platão, superior a Socrates por todos os dotes de uma mentalidade privilegiada, percebendo a culminancia do espirito e a idea sobre a criação da materia concreta, concebeu, como causa exemplar e final do universo, um mundo suprasensível, só idealmente objetivo. As ideas al-se-rniam entidades eternas, mutavols, só por si subsistentes.

Nós e o mundo material seriamos cópias par-tielpadus dessas ideas, cópias, já se vê, imperfeitas. No mundo ideal de Platão hierarquicamente domina a idea do Bem, culminando todo o sistema pensado por éle.

Dessa idea, tudo procede e nela tudo se espelha rebandendo luz de sua luminosidade. Os que não a chegam a entever são ignorantes comparaveis a polibrs encarcerados em uma caverna fechada sem communicar-se com a luz solar.

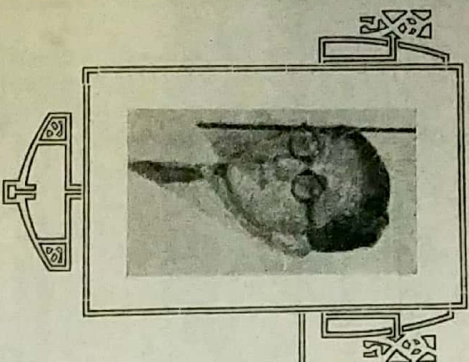
Platão identifica essa idea central — o bem absoluto com Deus, helesmo e helesmo; contido, não erl ser possível uma segunda doutrina sobre as relações entre a Divindade e os homens a não ser que alguma divina palavra justida a respeito os mortaes. (Phaedon — XXV).

Comemorando a passagem do quinquagesimo terceiro anniversario da entrada do saudoso brasileiro para o corpo docente deste Collegio, que tanto honrou e elevou no conceito da nação, a Congregação dos Professores resolveu fazer realizar, no salto nobre, uma sesso solene, em homenagem á memoria do grande sábio, que foi Paulo de Frontin.

A solemnidade, que, como poetas alcançoi successo, comproueram a familia Frontin, representantes do Clube de Engenharia, professores da Escola Politécnica e deste Collegio e muitas outras, pois que o salto se achava reptio.

Abriu a sesso o prof. Euclides Lixo, falando os profs. José Antão, Antenor Nascentes, Paço Cabral e Henrique Dodsworth.

A Congregação mereo encomios pela iniciativa que tomou, prestando uma soffida quão justa homenagem ao brasileiro, cujo nome ultimou passou as fronteiras do nosso país, evocando a fama de seu sábio, com grande gloria para o Brasil. A essa homenagem assistiram ATENEU, representando o sentir inquebrado dos alunas desta Casa.



DO AMOR E DO DINHEIRO

BERILLO NEVES



Ter dinheiro é a melhor qualidade que pôde ter uma pessoa que não tenha qualidades...

Ha um grande numero de mulheres que não vendem o seu amor a troco de dinheiro; *do-cto* em troco de cousas boas que só o dinheiro pôde dar...

Do ponto de vista moral, *ganhar dinheiro* não deixa de ser um crime; porque, se algum o ganha é porque outrem o perde...

O dinheiro pôde suprir a falta de inteligencia mas a inteligencia nunca supre a falta de dinheiro...

O amor é um objecto de luxo que os pobres, intelligentes, não podem adquirir e que os ricos, não sabem utilizar...

A esperanca é uma especie de papel moeda com que fazemos todos os nossos negocios e que acabamos por verficar ser simples papel na hora em que desajamos convertê-lo em outro...

As mulheres teor justo horror ás cedulas, ás moedas, ás apólices e a todos os papéis de valor convencional, mas adoram os diamantes, as pedras, as joias de toda especie que são as transmutações artisticas do ouro em suas diferentes e encantadoras modalidades... Quando uma mulher diz que "não gosta de dinheiro", "não faz questão de dinheiro" bem sabe o que diz...

As caricias são a moeda divisória da do amor...

O casamento é uma especie de apólice de divida publica; o governo garante o capital mas ás vezes não paga sequer os juros...

Amar a uma só creatura é como depositar todo o nosso dinheiro num só banco; ficamos, sempre, ameaçados de ruina total. O melhor é distribuir o capital por meia dúzia de estabelecimentos bancarios e adquirir, por causa da divida, alguns imóveis...

O noivo é um sujeito que, tendo comprado um bilhete de loteria, faz despesa por conta do premio grande que ainda é uma hipótese...

O corração das mulheres de hoje lembra os bancos hipotecarios; só concede algum credito a troco de garantias...

Em amor, a velhice é uma falencia forçada. Entretanto, a mocidade não passa ás vezes de um capital fútilio.

O ultimo beijo que se dá é como a ultima cedula que se casta: um sacrificio inútil...

O ouro é a unica realidade — tanto no campo do amor como no amor do ganho...

Casuar é por o amor em cheque e sacar, a descoberto, contra o futuro...

ESPERANÇA

Pedro do Couto

Mais uma tentativa em pról das boas lettras fazem alguns alúnos do Colégio Pedro II, demonstrando assim que neste estabelecimento de ensino não se pôde, ou melhor, não se deve olvidar o gosto pelas cousas de espirito, hoje bastante descurado em meio á mocidade.

Toda vez que surge uma prova clara de que ainda ha quem em nossa terra não se deixe dominar por uma incompreensivel subordinação aos processos praticos de um americanismo de arribação, é certo collocar-me eu a seu lado, procurando des-tarte manter as nossas tradições de povo contemplativo que se inebria com a arte e a cultura.

Ea não cesso, desde que se me enseje oportunidade, de combater em favor das nossas tendencias mentais, que toda gente percebe não se enquadram dentro das que formam a caracteristica do povo norte-americano.

Deixemo-nos de ridiculo — somos um povo da cooperação do português, do negro e do amarelado e, como tal, devemos com coragem afirmar nossos antepassados. Não prestam? E' possível, é talvez certo, mas são eles que nos legaram as qualidades fisicas, morais e intellectuais que nos honram. Seria melhor que fossemos descendentes de outros povos? Também é possível. E eu sou dos que respondem afirmativamente.

Não podemos entretanto mudar a nossa formação racial, fiquemos como somos e não andemos a maquear povos de outra constituição étnica, contrariando o que em nosso expoente de brasilidade se observa relativamente a nosso principal antecessor.

passado: — a separação que dele fazemos cada vez mais, tornando-nos nós mesmos, isto é brasileiros que sabem o que querem e que não precisam das ondas mal contornadas de ancestrais retardados na evolução humana.

E' o conselho que mais uma vez dou a meus alúnos e amigos: — sejamos livres e activos e não nos apiguemos a preconceitos ridiculos; tampouco nos amillemos, imitando povos de costumes, tendencias e constituição étnica diversa da nossa.

Curemos das cousas da nossa terra, estudando-as e amando-as; curemos da nossa lingua, da lingua brasileira, que muito fortemente e ha muito tempo se vem differenciando da portuguesa, como aliás o dizem justamente varios escritores lusitanos.

Amando a todos os homens, e caminhando firme para uma época fatal de concordia e equidade em que a thracia haja desaparecer; cultivando a Arte com carinho e com finalidade definida, daremos execução a um programa nobre e fraterno, sem que percamos todavia a nossa individualidade de povo que não necessita de imitar ninguém, porque elle é o que é.

E', pois, dever dos mestres encorajar os jovens, dando-lhes conselhos e apoio, na manifestação de intellectualidade que dão, desajando-lhes realização feliz para bem de seu nome e para orgulho da nossa nacionalidade.

Que esta revista revista os tempos bellos da intelligencia juvenil, combatendo com ardor e com elegancia por ideais levantados, attestadores inequivocos de que ainda ha quem queira cuidar das cousas de espirito.



D. XANDAO AO SERGIO FRAZÃO

ARI DA MATA G A

Interessante aguelo d. Xandao!
Depois de algumas dezenas de anos de vida chegrira aos cincoenta, velha, bochechuda, solteirona e faladeira. Desde que começára a viver, provyera o que pode haver de mais amargo e de mais triste. De felicidade conhecea somente uns extralhos fluidos longiquinos. Quando moço, não admitta que outra a supprasse no corde, nas anquilhas nem apresentasse aos moços casados tal apparencia de santinha innocente ou fórmias ventustas como as suas.

Xandoca não fóra feia. Havia mesmo inspirado paixões e nutidas. O destino porém pôs entre Xandoca e o casamento uma dosezinha de ambigão. Aos dezoto anos, num serúti em casa do maior Alencastro, danstara umas quadrilhas com um jovem alferes de suissas loutras e olhos ternos. Nessa mesma noite o alferes lhe prometteu o corraçõ e a humidade do seu galozinho de official subalterno que ella despresou pela pança rotunda de um velho coronel de Dragões, gótico, rommatico e vivuto que lh estava num canto, a se queixar dos calos.

O alferes sentiu o despreso. Começou a beber, a fazer serenatas e outras loucuras rommaticas, até que uma revolução no sul o chamou das armas. Os azares da guerra fizeram delie em menos de quatro annos maior de dragões e os seus feitos foram coroados com algumas duzias de medallas e um titulo de barão. O cheiro de sangue das batallas, o gregar contínuo tiveram a virtude de retirar Xandoca de suas cogitações. Voltou casado, glorioso, rico, etc...

Xandoca teve um desmaio, quando soube. Chorou desolada a porta do tinto e os galões de maior que nas recepções officiais lhe dariam a imponencia sonhada.

Mais tarde um médio modesto de subarbio, deslindado pelo amor, resolveu esquecê-la, occupando-se de molestias contagiosas. Conseguiu sair

vivo da empresa, tendo entrado uns, matado outros e com um "Tratado de não sei que lá em logria e um "Comentario sobre os caracteres de não sei que lá em ló."

Isto lhe valeu o cognome de "maritir da cidade;" medallas, uma cadeira na faculdade... Xandoca chorou mais uma vez lamanhia perda. Destino curioso o de Xandoca!

Transformava com summa facilidade um muscate em grande comecante. Fazia um alferes, alta patente em alguns minutos. Transformava um timido advogado forense em ardoroso parlamentar.

Xandoca foi vivendo assim, forjando glorias até conhecer o sr. Malaguinhas Pereira dos Santos "poeta por inspiração, guarda-livros por profissão", como elle proprio mudava imprimi no cartão de visita. Com o Malaguinhas é que começou a historia. Xandoca conheceu-o nos trinta annos e de accordo com Balzac havia chegado á idade em que a mulher conhece o verdadeiro amor.

Malaguinhas appareceu nesse "ponto de bala," magro, macilento, olheiras fundas, sobrecando um livro Caixa, lapis repousando entre a orelha e o temporal. Trazia tambem dentro do peito algumas olavras camourennas, que descrebira nos re-folhos dos Lusitadas, com verdaderia arripça de-letivresca. Por compaixão, piedade, ou previdencia, o fãto é que Xandoca ouviu seus versos, acalento-lhe a alma de artista de meia ligela. Suspirou fundo, um dia, junto com elle, por trás de uma pilha de sacos de batatas, no armazem do "sen" Bastos, tio de Xandoca. Malaguinhas, em pouco tempo, passou de epico a lirico, cheio de *ideas, dor cruel, morte, patzão* etc... Xandoca, mulher como nunca, quis conhecer a musa inspiradora de tantas belezas. Malaguinhas reclinou: — "Que não! Que não! Guardaria em segredo até que a morte o colhesse. Mas ella nunca saberia, nunca! dizia suspirando. Afinal venceu Xandoca. Malaguinhas titubou.

— Pois quer mesmo saber? Pois... Não! Não devo. A senhora jámais me perdoaria.

— Ora, seu Malaguinhas! Diga! Não mereço confiança?

— Sim... Sim... mas...

O poeta baixou, pallido, a cabeça, enfiou o lapis numa sacca de batatas, como se, resignado, cufiasse uma lamina no peito e mais tímido, Malaguinhas:

— "E... é... é... é a senhora, D. Xandoca. Não posso mais occultar a dor que me invade o peito! Amo-a, Xandoca! Amo-a, Xandoca!..."

— Que é isso, seu Malaguinhas. Levante-se! Talvez... quem sabe?

O tio, que chegava, cortou o idillo.

Xandoca foi para casa, pensando, pensando e resolveu mandar um bilhete ao Malaguinhas. Um bilheteinho diminuto, com uma só frase mas que continha a emotividade dos grandes silencios. Dizia assim:

(Continúa na pag. 22)

NASGER

Como se a noite grêvida estivesse
Vem num parto de luz, surgindo o sol...
Nas svares seranias do arreból
A bronzea voz de um sino ergue uma prece...

No jardim se espreguiça um girassol
E a terra envolia em luz toda se aquece...
— O sol lá pelo espaço, está, parece,
Num lago de metil e de fenól...

Desbrocham bolões... despertam ninhós.
Pelas névoas do céu semi-acordado
Algarzaram em bando os passarinhos..

Ha um duelo entre um partid e um rounfól...
— Do ventre do universo, ensangentado,
Ven num parto de luz surgindo o sol...

J. G. ARAUJO JORGE

IGUALDADES

A uma só vez, a humanidade inteira
Vive a clamar, em brado retumbante,
Pella igualdade, desde que a primeira
Tribu surgiu sobre este mundo, errante!

Clamam... Erguem... Mas de que maneira
Vão-se igualdar, no mundo, doravante,
Condor e insédo, cétus e palmeira,
Trepas e luz, anglias e diamante?!...

Se a propria mãe de tudo, a natureza,
Veste os seus filhos com desigualdade,
Porque tentam-se a igualadora empresa?

E além do mais, a morte, essa onticida,
Levando tudo para a Eternidade,
Iguala o que era desigual na vida!...

ALBERTO HECKSHER

O POETA

JOSE OITIGIGA

ALZIRO ZARUA

Emprestou-me o Art da Mata os SONETOS (? a sério) do poeta José Oitigiga. E foi nesses beattas férias que se foram — 15 dias apenas — que calmamente os li, ou, melhor se saboreei. Lá, devagar todo o livro, e tão devagar o li, que resolvi sobre ele divergar... Ahá, fui sempre amigo das divergões... Mas, se vou fazê-lo, foi porque fiz a leitura como ordena o proprio poeta, num soneto que devia estar no começo do livro:

*Lê devagar, leitor: não lês farya ou romances;
Lês um poema sagrado onde ofrta algum.*

Trata-se de um livro de um profundo pensador. O poeta, não raro, vai aos pínculos andinos, e tanto se distanda dos leitores, que estes não podem, num repente, o compreender... — E' necessario muito raciocinio e muita illustração... Sabemos, de resto, que Goethe, por exemplo, não é p'ra qualquer um... Na fase que atravessamos, em que cada poeta, em geral, é um *dechtis cum libro*, pai de verços peltisões, nugativos e soníferos, agente, ás vezes, de lamurias que transformam poesia em necromancia, conta a existencia de um poeta que é poeta pelo Ideal. Entretanto, justamente porisso, não anda na lóca de todos. O povo quer trovilhas, sonetos melosos de amor, ou, então, prosa trmuda... Mas aqui não há disto. Há, sim, os cantos ouvidos de quem anda

*Buscando, para a terra perturbada,
Novas leis, novos fins, novos aialhos.*

Mas o poeta sabe que os seus sonetos não irão para a pulverencia da mediocridade, onde se apinham muitos livrescos. E disto ele se orgulha:

*Minha grandeza é ser incompreendido
Pelos que mais prezam do meu sonho...*

E o seu sonho aqui está neste soneto magnifico:

*Deigo ser Senado; novo Sansão mais forte,
Capaz de combater a colubna tincoocusa...
Destruir para reerguer; por, no alange da morte,
O signo deste ideal que em meu ser se outra e figura.*

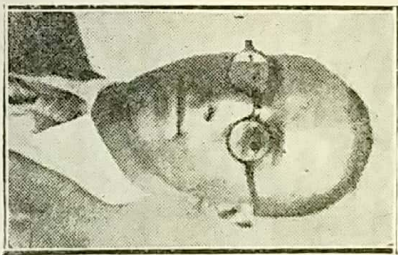
*Destruir, a ferro e a fogo, a prostituta coorte
Que nie do labor da terra que sobra.
Sacerdotes cristãos, sou a espada do sorte
Que, sobre a vossa cruz, afiado, se debregui!*

*Templo dos Filisteus! Sansão cresce na sombra!
Hás de ruir! Hás de ser, neste ribalo da Terra,
Mas uma catedral muítal que se esconhral!*

Temos, deante de nós, um poeta que crei na concretização do seu ideal:

*Hai de tragar o ramo, eu, turbulento!
Eu — Pedreiro — hei de erguer o meu Kremlin.
Tenho brago de ferro, estubo e inenlo;
Sou a Lâmpada viva de Aladim...*

HOMENAGEM



A palavra, recurso maravilhoso que nos deu a natureza, é impoente para exprimir, nem sequer numa péllia iden, a grandiosidade de uma obra prima, qual o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Aurélio Nascetes.

Masmo assim, dizer o que representa para nós, do Colégio Pedro II, esse Dicionário doquele que foi um de seus mais ilustres alunos e hoje é uma gloria de seu corpo docente, seria roubar o assunto de que outros fularam com inestria incoctese.

Registando apenas esta gloria, que é bem legítimo orgulho da patria, ATENEU presta sua homenagem, turda embora, mas sincera, reverente. Esta homenagem é como o aplauso terido de um espectador das galarrias, que depois de terminado o espetáculo, oplatido atuda sésinho... Perdido-o a entupção pela peza inactriand...

ANTENOR NASCENTES...
DIXIONARIO ETIMOLOGICO...

Nem se pode saber qual o maior, o mais digno de admiração...

Humberto de Campos errou, quando escreveu que José Oitigiga sacrificou o ideal da sua poesia á poesia do seu ideal. Muito pelo contrario, o poeta, com a poesia do seu ideal, engrandecou o ideal da sua poesia... Não foi, acaso, o que fez Castro Alves, dedicando a sua poesia ao grande ideal da Abolição? SONETOS, de José Oitigiga, é uma obra literaria no verdadeiro sentido da expresso. E aqui em pensos como Nelson Romero: "Obra literaria não é qualquer amontoado de palavras que at algum lance é faz para satisfizer á propria vaidade. Não. E' todo trabalho artistico em letras que exprime os obgtos num dado castro, através de uma alma possuada pelo ideal!"

Depois, não é só o seu ideal não é uma farya, nem mera fantasia literaria... No fim, o poeta exprimenta as dores da sua gloriosa re-erccis; é vigiando; é temido; é perseguindo; é encarecendo... No entanto — eis a grandeza da sua ida — ele abeugna a prisão, que o não magda:

*Bendita esta prisão que me anima em meu surto,
Faz desta Via-Sacra o caminho mais curto
E enjula a minha cruz ao taque dos claris!*

*Bendita a provação que me ergue aos supertoras,
Justifica o meu deo, unge os meus abalobras,
E afirma, em toda a Terra, a gloria das maris fins.*

A leitura deste livro fez com que eu compreendesse a alma do poeta José Oitigiga. Acreditamo-me a admirá-lo desde pequeno, quando lia os seus artigos no "Correio da Manhã", e, contrario, fazia dele uma figura melodica. Estava eu, ainda, no curso primario, e já me diziam que ele costumava harer á rua, lá do primeiro andar, os estudantes vagabundos... Quando para cá eu vim, com grande vontade de vê-lo, soube que estava na Alemanha, e muito lamentei. Hoje, aí está, com sua voz serena, explicando magistralmente todo o assunto da grandia historica...

Orgulhoso de, realmente, o é, e razões tem para isso. Num meio onde a injuria é um fono tremendo, onde a inópia das idéas predomina ferozmente, como é possível a sujeição de um multiente cédro? Só se fosse do país do Eldorado, ao qual se referia Voltaire no seu "Candide"... Apesar disso, há no conçoço desse poeta uma ternura imensa. OS FILHOS é um soneto que o comprava. E, afinal, que são as suas idéas sentio rélus convergentes para o bem, para a felicidade humana?

Eis sei que muitos não toleram o elogio *in méo*; preferem o *post-mortem*... Não posso assim. E, de fato, que adiantam a Camões as honrangens que recebeu e tem recebido após a sua morte? Em vida passou fome... de fome ele morreu... Devemos exaltar os grandes homens enquanto vivem. Mesmo porque depois não adiantam... Precisamos derrotar esse processo, digno sómente das cerebriões lacunosas...

Eis porque procuro exaltar esse mucho de modestia que é Eseragnillo Dorzi; esse portento — "Ditório" do Prof. Nascetes; estes SONETOS do poeta José Oitigiga.

E com este de-se um lífo interessante: é um poeta que foi ensinar portuguez na Alemanha; é um poeta que sabo grego para dar e emprestar. Isso não deixa de ser engraçado, porque muitos poetas não sabem a lingua em que produzem...

Mulheres

A chama generosa, alegre da Jogueira,
Iluminava a noite infernina e sombria.
Lampião da espaga o teu beldão subia,
Per entre aclamações da petizada tuerria.

Assim, na mortalde, aos céus ergueste, um dia,
O baldo multocon de uma tuesta Jogueira.
Lancamente feliz, tua alma prazentera
Chorava de renlura e de tristega ria...

Depois, desconsoado e rodo, insolsistido,
Vencido ao rugilar fatal dos vendavais,
Tombava na Jogueira estilha de teu peito.

E nunca mais, na vida, uma tuesta sonhaste:
Pois, tuda guardas n'alma as cinzas mortais,
Do primeiro baldo, farnoso, que solaste...

AGOSTO PORTUGAL

Orbita d'Alura

Fiando longamente a humanidade,
Do plano psicológico, multigr,
Meus olhos de tanguer e de piedade,
Censados, reconhecem a chorar.

Miserria... portuido e falsidade,
Cortejo de imundice a desflar...
Dizei, di massa vil, por caridade:
— Porque só vos apraz o gorgolhar?

E passa, tarde e leida, a precisão,
A rir, a boar enorme, escancarada,
No emulduco do pó da maldição!

Passai, magnanimamente, desolados,
A rir da propria dor desceperada,
No rir dos imbecis, acidentados!

NAZARETH D'ALBUQUAUA

Soneto

Quando eu me ponho em busca de teu ninho,
Mal a manha desperta clara e bela,
Já vou sonhando, calma e linda, aquela
Que hei de encontrar, ao fim de meu caminho.

Sigo feliz, ao caminhar sózinho,
Buscando o nbro azul dama, janelas
Sempre cantando uma canção singela,
Ligeiro e leve como um passarinho.

Dizem ('stá visto que é sem conhecer-te)
Que não comprendem, como eu te amo tanto!
Contudo, eu sigo louco de rever-te.

E, se te vejo cada vez mais linda,
Se cada dia tens um novo encanto,
Como não hei de amar-te mais, ainda?

HAMILTON ELIA

Que importa ??

Que importa a morte quando se ama tanto,
Quando a vida somente faz sofrer?!
Ir gargalhando até o campo santo,
E em risos ajogar nosso prazer...

Sofrer cantando! E em nosso triste canto,
Traduzir toda a hosania do viver...
Beber numa solajipa o néctar pranto,
E depois, bem feliz, morrer... morrer!...

Que importa a morte quando é triste a vida?!
Dizta os versos meu corpo corromper...
Frei feliz numa tizada querida,

Sabendo-o o mais feliz deste Universo,
Pelo gozo inflexido e máis de ter
Sido a Inortalidade do meu Verso!

CLAUDIO DO AMARAL

UMA VERDADEIRA RAINHA

Enquanto se degladiam os eminentes propulsores da educação do nosso povo, cada qual mais conscião de obrar patrioticamente; enquanto as reformas de ensino constituem os dilectísimos problemámas, já na linguagem applicada, já nos conceitos pedagogicos, ninguém sequer viu obscurecida pela densa bruma de ideias a fulgurante personalidade de Ana Amelia Carneiro de Mendonça.

Privilegiada brasileira, bem merece o titulo imortal de Rainha dos Estudantes. Hoje, como ontem e sempre, a laborar, e aqui ou no estrangeiro é a sentinella avançada, a defensora inextinguivel daquilo que repudia o seu verdadeiro patriotismo, a educação de seu povo. E outro não seria o seu dever, quando representa a esperanza de milhares de jovens, ansiosos por se educarem no mais pobre de instrução dos países americanos. Ella vê os triumphos da pedagogia suíssa, alemã e norueguesa e procura intercambiar relações com outros povos cultos da Europa, a fim de poder tornar compatriotas a nós os efficazes methodos adotados pelas nações onde a experiencia positionou a sua grande effiacia.

Sem darde, vive Ana Amelia immortalizando sua obra, cujos proventos o porvir constituirá um tesouro cheio de estudantes, professores e entusiastas, incomparavelmente superior aos cheios de ouro, só disputados pelos crimes e desfeitos pelas guerras. E' a chama dos grillhões que subjungem o estudante, é o arnez da esperança a todos quantos a procuram. E da fonte de seu carinhoso dâmana o liquido com que dessedenta o joven viandante estafado por excessos de tribulações.

Quem a não vê sorridente, em effusão, a distribuir a todos incomensuráveis parcelas de conselhos, esboçando illustres e estimando paciencia! Sempre e sempre, Ana Amelia será para o estudante do Brasil o centro em torno do qual gravitam as esperanças de nossa classe. E merecia representarnos na futura Assembléa Constituinte como hâma adogada dos nossos direitos e injustiças.

Seria um alto compensador aos inestimáveis serviços por tantos titulos e feitos patrióticos, prestados por um coração de mulher á consolidação do ensino nacional.

E prescindimos de conjecturas para prognosticar o triumpho que Ana Amelia obterá para nós, que a veneramos, pois que, sobre tudo, dela depende a existencia da Casa do Estudante do Brasil, a mais nobre instituição do genero em nosso país. Enumerar, citar os assomos com que ella propugna pela nossa grandza e expressão cultural seria impossível, visto serem innumeráveis os seus nolanéis.

Requer-lhe o valor dispensa á pena as construções inexpressivas. Mas uma coisa se impõe, é tê-la sempre na memoria, sempre na alegria, sempre na gratidão.

FELIX FIGUEIREDO

A Análise na Gramática

Paul Arcos

E' sem divida alguma, a análise o assunto mais atrahente da gramática.

Apresentada uma frase, pesquisam-se as posições das palavras e as suas funções, daí duas análises: a *análise das posições* e a *análise das funções*.

Não se chama a primeira de *gramatical*, porque *gramatical* pressupõe a *gramática* e não gramatical é a primeira análise como a segunda.

Tambem se não chama esta de *lexicologica*, (1) pois *lexicologica* se refere á lexicologia, que é a parte da gramática que "estuda a palavra isolada" (2) e não a sua posição na frase.

Não se denomine a segunda de *lógica*, porque a análise não é lógica nem ilógica, mas sim a frase, a construção. (3).

Não se dá o nome de *syntactica*, que quer dizer da syntaxe, que é a parte da gramática que "estuda a estrutura e a interdependência das frases" (2) e não as funções das palavras nas mesmas.

As denominações *gramatical* e *lógica* são absurdas e não tem razão de ser; as denominações *lexicologica* e *syntactica* tem falso emprego.

A lexicologia, como já disse, estuda a palavra isolada e neste estudo podemos considerar: a) seus elementos fônicos ou *fonemas*; b) a classe a que pertence; c) seus elementos morfos ou *morfemas*; d) seus *flexões*; e) sua *origem*; f) sua *significação*.

A lexicologia divide-se portanto em Fonologia, Taxinomia, Morfologia, Campoenomia, Etimologia e Semantica. (2)

Logo há seis análises: fonológica, taxinomia, morfológica, campoenomia, etimológica e semantica. A este conjunto, sim, é que se pôde chamar, com propriedade, a análise lexicologica.

A syntaxe, como tambem já disse acima, estuda a estrutura e a interdependência das frases

e não as funções que as palavras podem exercer nas frases, nem estas no período.

Sendo dividida a syntaxe em "regencia e coindancia" (4), somente a uma análise que estudassem os modos pelos quais as palavras, na frase, se regem e se coindenciam, é que se deveria chamar de análise syntactica.

A construção é estilo, não é syntaxe.

Resumo.

Não se confunda, pois, *análise das posições* e *análise lexicologica*, a primeira estuda a posição da palavra na frase, a segunda estuda a palavra isoladamente nos diversos aspectos.

Não se confunda, tambem, *análise das funções* e *análise syntactica*. A primeira estuda a função que a palavra exerce na frase, e esta no período; a segunda estuda os modos pelos quais as palavras se regem e coindenciam na mesma.

A *análise das posições* classifica a palavra de acordo com a sua posição na frase; a *análise das funções* classifica a palavra de acordo com a função que ella exerce na frase.

Eu senti e faço esta distincção por necessidade; é o meu modesto ponto de vista, o qual o exponho publicamente, o que é na manuceira dos meus estudos de filologia, um erro.

E' provável, é probabilissimo, mesmo, que autores já tenham sentido o que eu acabo de versar, tal porém, ainda não chegou ao meu conhecimento.

- 1 — Ou lexica.
- 2 — José Otávio, Manual de Análise, 3.^a ed., pag. 7 e 8 (11) — (1923)
- 3 — Jhilo Nogueira já sentiu isto. Ver o Exame de Português, 4.^a ed., pag. 335.
- 4 — José Otávio, id. pag. 8

DIETOS

Não se deve explicar a humanidade pelo homem, mas o homem pela humanidade. — Auguste Comte.

Sofremos talvez mais pelos erros alheios que pelos nossos próprios. — Marquês de Marial.

Os bons exemplos são espelhos para que vejamos os males, e representações nulas para que se corrigissem. — Sauto Agostinho.

Os Tiranos não seriam tais se os povos os não necessitassem. — Marquês de Marial.

CONFISSÃO

PAULO PRADO

Era meia-noite.

A lua amarela e tristonha projetava sobre a laje e mal iluminada preta a sombra enorme da igreja, que parecia um abutre imenso a estender suas garras querendo abraçar tudo e todos.

Dentro da igreja a luz era pouca e indistinta. Do centro da nave pendia um grande lustre todo lavrado em ouro e prata e de onde uma lamparina pequena espalhava uma luz côr de ólea, que dançava sobre as paredes em grandes sombras que assustavam.

Ao fundo do templo, sobre o altar-mór, duas grandes velas, engastadas em altos e soberbos castiços de ouro, aumentavam, ainda mais, as sombras errantes, que balçavam pelas paredes, e a sua luz mortíga fazia brilharem reflexos bizarros, que impressionavam e causavam terror.

Por toda a parte, imagens delicadamente trabalhadas em ouro e carregando joias de prata e pedrarias.

O laxo e o esplendor da casa de Deus, olhando dos olhos dos humildes, que lhes impõe um respeito mais devotido á esmagadora, aterrorizante e incrível magnificência do que á bondade mostrava-se em toda a sua pujança.

Um rapaz, pallido e desfigurado, de olhos fundos, faces esqueléticas e andar indistinto, entrou falando no templo sobredito do Deus dos humildes.

Parou um instante, impressionado pelo aspecto grandioso, misterio e lugubre que offerecia a vista para um templo iluminado. Seus olhos tristonhos e brilhantes de sofredor, passavam agitadamente pelos altares e pelos quadros santuosos que pendiam em toda a volta do templo com representações de episodios da vida do Christo.

Pararam um instante sobre o altar-mór, onde ardeava um S. Paulo opinado por grossos cordões de ouro e pedrarias; a indistincta da luz, os reflexos amarellos do ouro e as sombras errantes cubriam-lhe uma lortura.

Rageira, deu mais uns passos e notou junto ao altar-mór, uma sombra que se movia.

Era um padre que fazia as suas orações da noite.

Porou a pouco o rapaz se aproximou.

Falou ao padre e pediu-lhe para ouvi-lo em confissão.

O padre accediu e preparou-se para o seu papel de reflectir das confissões de mais um peccador.

E o rapaz começou:

— Padre, um grande peso e uma grande dor me atormentam a vida.

— Porque, meu filho?

— Porque eu sou um criminoso...

— Criminoso?... Dentro do teu peccado é grave...

Mas tem confiança na misericordia de Deus...

Podes falar, porque sendo representante do Justo procurarei ser justo.

— Padre, eu matei...

— Que dizes, meu filho?... Conta-me como foi isso para que eu possa avaliar da tua culpa...

— Eu matei innumeros pessoas, que nunca me fizeram nada, e que eu nunca vi...

— Meu filho, tu estás falando serio?...

— Sim, padre, eu sou um bandido, matei velhos, creanças e mulheres indefessas...

— Meu filho, o teu peccado é muito grave, tu peccaste contra a lei de Deus. Ele, na sua misericordia infinita e na sua honradez inegualavel disse: "Amarás ao teu proximo como a ti mesmo."

Tu difficilmente alcançaras o peccado de Deus. S6 Deus pôde tirar a vida dos humanos. Tu peccaste varias vezes matando velhos, mulheres e creanças. Tu és muito infeliz, pois Deus sendo justo é tambem severo para com aquelles que lhe desobedeem os mandamentos de bondade, justiça e amor ao proximo. Mas... Póde ser que algo exista na tua tragedia que possa aliviar parte da culpa que carregas... Relata-me todo o caso para que eu possa avaliar a tua falta. Póde ser que alcanças a misericordia e talvez mesmo o peccado de Deus.

— Não, padre, eu não terei peccado. Eu matei covardemente, matei rindo, e apostando para matar mais ainda.

— O?... como pudeste praticar tantos atos contra as leis do Justo, como foi isso?... Continua-me tudo...

— Padre, eu fui soldado, eu matei na guerra...

— Como?... Na guerra?...

— Sim, padre, na ultima revolução... Eu sou um desgraçado... Eu matei meus irmãos...

— Mas... Porque matei tanto assim?...

— Eu era avilador, fui destacado para lutar contra os revoltosos, prometteam-me tudo, fizeram-me crer que a patria estava em perigo... E eu... Pobre de mim... Antevendo mais um gallo e influenciado por miseraveis filhos de Vitoria, parti sorridente e feliz para a mais negra das desgraças... Parti feliz para matar pessoas que nenhum mal me tinham feito, que eu nem conhecia... Parti feliz para matar meus irmãos...

— Calma, filho... Mas, continua... Qual é o teu grande peccado?...

— Meu grande peccado?... Padre?... Acha que este peccado seja pequeno?...

— Pelo que acabaste de contar eu não vejo motivo para tão grande desespero... Creio mesmo que terás o peccado...

— Padre!... Não vê nisso nada de mais...?

O!... Por favor não me tire a ultima esperança...

Eu deixei para ultimo lograr a casa de Deus, disse Deus que dizem ser justo e carinhoso, disse Deus confortador dos altos e protetor dos humildes e dos desamparados...

Padre!... Não me tire a ultima justiça...

Não me diga que Deus aprova esse meu crime infame e miseravel, esse meu crime sem nome e que já foi por todos aprovado, foi por todos louvado...

Padre!... A minha ultima esperança é Deus e por favor não o ignote a esses chincas familiares que gritam de alegria em presença do sangue...

Padre!... Eu procuro Deus... Não me faça crer que encontrei o Diabo...!

E ao dizer estas palavras o rapaz berrava, fazendo ecoar lugubremente por toda a nave deserta, os seus gritos roucos e medonhos de arrependido.

O padre tentou acalmalo então:

— Mas, filho... Tu não servistes a Patria?...

Não demandaste a integridade e a ordem publica do teu berge natal?... Não foste louvado pelo povo?...

— E, padre, infelizmente assim foi...

— Então, filho, tens o peccado de Deus. Lembra-te do ditado "voz do povo, voz de Deus". Deus aprova tudo que fizeste, pois quem trabalha pela fidelidade da Patria, trabalha pela gloria de Deus.

Uma gargalhada infrene e nervosa rompeu o silencio da noite.

— Voz do povo, voz de Deus... Que Deus miseravel é esse que aprova, bendiz e pecca um assassino infame... Felicidade da Patria...

Que miragem enganadora... Gloria de Deus... Que ironia... Então, padre, tu que és o representante de Deus, pensa que eu acietarei esse peccado?...

Não!... Não!... nunca... Esse peccado é peor que a mais grave pena... E tu és um bandido...

Tu que me queres fazer crer que procurando Deus, encontrei o Diabo... Não!... miseravel!...

Não!... cretino... A religião de Deus é a religião da humanidade... é a religião da humildade...

Estes outropois e estas pedrarias não me ofuscarão os sentidos... Tu que vives no meio desta abundancia impositora e que procuras incutir nos humildes o terror e o respeito por intermedio da santuosidade, da riqueza e da magnificencia esmagadora, não tens dominio sobre a minha pessoa...

E uma gargalhada mais tetrica, mais horrivel e mais infrene ouviu-se então:

— E agora, sacerdote do Diabo, tu morrerás para que não continues na tua fama albeta, para que não disirtines a intenção de Deus...

E na semi-obscuridade da igreja, duas sombras corriam velozmente.

O pobre rapaz de olhos fundos e faces encovadas corria atraz do padre, tentando matalo com um punhal.

Corria com a navalheta espessa e desordenada, a boca espumando e confortada num ritmo horrivel, os olhos brilhando singramente.

Junto ao altar-mór, o padre tropeçou e caiu de bruyos; o rapaz, possuido de uma violenta estranha, cravou-lhe nervousamente o punhal, ferindo-o varias vezes num ardo de louco.

Parou quando viu que o padre não mais se movimentava e cheio de sangue, arrojante e vibrante, atirou violentamente o punhal sobre a imagem de S. Paulo.

E mais uma gargalhada horrenda, infernal e louca ouviu-se, cortando o silencio sepulcral da noite.

O rapaz, completamente louco, atravava-se num furor insano, contra as imagens dos santos, quebrando-as e calcando-as aos pés.

NOSSA ORTOGRAFIA

Aos mestres, escritores e colaboradores, que nos honraram, concedendo-nos artigos de sua autoria, devemos esta nota que aqui damos, como satisfação cabal.

A necessidade premente e inegavel de simplificar a ortografia etimologica, mixta ou que outro nome tenha, mas que para nos se deve chamar caótica, levou-nos a adotar a ortografia oficial, mais por necessidade e simpática, que por dever disciplinar.

Succede que o formulário, ou por ignorancia ou talvez por sua propria obscuridade, tem sido interpretado diversamente. Como ella nosso intuito a unificação ortografica, resolvemos adotar a grafia que se encontra no Vocabulário da Academia.

Estão pois perfeitamente justificadas as modificações ortográficas nos artigos que nos foram enviados.



Felisberto Caldeira Brant

Sergio Armando

Quando foram descobertos em 1729 os primeiros diamantes no Tijuco, governando ainda a capitania de Minas D. Lourenço de Almeida, centenas e centenas de aventureiros para lá se dirigiram. O Tijuco começou a prosperar; a Metrópole instou a interdição dos diamantes.

Deu aos mais tarde, em 1739, a Metrópole resolveu explorar as minas diamantíferas pelo regime dos contrólados arrematados em hasta pública. Com os contratadores attingiu o Tijuco seu maximo desenvolvimento. E assim caminhou até o fim do século; num florescimento estonteante, acrecioo anormal de população, os luxos e os fastos da Metrópole. Foi assim a vida do Tijuco. Uma vida de festas e bailluetes onde a preocupação unica era ostentar riquezas e bens. Mas de um estrangeiro se adminou do luxo e da vida fastuosa que levava aquella vilazinha perdida no sertão mineiro.

A lenda do El-Dorado parecia se ter materializado. E não havia divida, o El-Dorado era ali; ali, onde até sobrava ouro para as negras escravas; ali, naquelles salões de luxo requintado; ali, onde as pedras appareciam á flor da terra e onde os ros pareciam pedir que se lhe revolvessem os cascalhos.

Dois contratadores fizeram celebraes na Hitoria: Felisberto Caldeira e o desembargador João Fernandes. Felisberto Caldeira emprestou aos salões do Tijuco o toque do bom gosto. João Fernandes deslumbrou a vilazinha com sua riqueza de contos de fada.

Estes dois homens, um após o outro, deslumbraram o Brasil da sua época. Ambos viveram como nababos possuiram as riquezas inestimaveis de um século das "Mil e Uma Noites" ou de um herói de Malles Taham. O desembargador, o homem que mandara construir uma chaceira que foi uma maravilha, um castelo medieval em serões minores, lagos artificiaes onde se passava em gondolas á veneziana, tudo para uma mulata, "uma escrava, que conhecia a suarria no "cicio" de lança e calção," esse homem foi, senão o mais feliz, um dos mais felizes contratadores do Tijuco.

Felisberto, não. A principio, tambem mandando em riquezas, luxo e esplendores, acabou morrendo em Portugal (Caldas da Rainha), longe da familia e da patria, pobre e humilhado. Entre Felisberto e João Fernandes, ha naturalmente grande differença.

O primeiro, além de rico, foi homem de intelligencia e de bríos. A honra vitimou-o. O desembargador foi simplesmente um homem rico. Mas nada.

Foi no dia da Ressurreição de 1752. A missa, allem tudo que de mais alto havia no Tijuco.

A familia Caldeira lá estava.

O ouvidor da catedral José Morris Bacelar, compareceu tambem.

Moço, elegante, fidalgo e mansuetos, foi mais por um dever social e para admirar as be-lizas formosas do Tijuco, do que movido por sentimentos religiosos. "Morris Bacelar não tinha os olhos na igreja, senão para contemplar as moças e deixar-se absorver nas vistas de seus encantos."

E foi uma menina da familia do contratador que mais lhe atrahiu a atençaõ.

A principio, contentou-se com sorrisos disfarçados, acenos de cabeça e insistencia de olhares.

A igreja toda murmurava...

Ele pouco se importava. Avança mais ainda; tira da lapela do casaco a flor que trazia e jogava no colo da moça.

Sensação...

A menina Caldeira indignada e ofendida collocou-se ao lado de Felisberto.

O contratador, imperturbavel, calmo, bucha-lhe ao ouvido alguma coisa que ninguém ouviu. E saiu da igreja.

Embarca, ao findar a missa, os passos de Bacelar.

Disente; exige uma explicação.

Mas encolizado saca do punhal e "vibra-lhe um golpe que resvala pelo botão de metal da casaca."

Timido! Confusão!

Os padres, de emulção e impondo ao povo a bandeira do Espirito Santo, acalmam o conflicto.

Felisberto e Bacelar estão inimigos.

Concega então a decalencia do contratador... As injustiças o perseguem.

JUSTIFICAGÃO

A falta de espaço, ou melhor o excesso de collaborações, impediu que publicassemos, como fôra prometido, muitos trabalhos que nos foram enviados, como prova de simpatia, a que somos imensamente gratos.

A disposição tipográfica, não a seleção de trabalhos, encarregou-se de escolher os artigos que seriam publicados.

Desculpamo-nos, pois, aos nossos colaboradores, embora não nos caiba a culpa da impossibilidade de publicação de maior numero de collaborações.

A intriga, na corte de D. José, ou melhor, do marquez de Pombal, ferve.

Felisberto é tudo: conspirador, inimigo de d'El-Rei, por demais popular.

Em 1752 está terminado seu contrato.

Não consegue pagar suas dividas, não pôde ajustar contas. Bacelar ganhara a partilha.

A carta régia de 20 de fevereiro de 1753 autoriza a "deleção de Felisberto Caldeira Brant e o sequestro de seus bens."

O irmão do marquez de Bobadela, José Antonio Freire de Andrade, em visita á provincia de Minas, deit-lhe a voz de prisão.

Enviaram-no para Lisboa.

E' atrahido para um criminoso, como um assassino ou ladrão, numa das enxovas dos Serefretos de Limoeiro.

Com o terremoto de 1755 a cadeia ruin. Outros presos fugiram. Felisberto, não. Apresentou-se como escravo, abastido e radaverico, ao todo poderoso marquez de Pombal. E não implorou nem exigiu a liberdade de existir, sim, que lhe fosse designada uma outra cadeia onde pudesse aguardar a liquidação do seu processo. Pombal condeu-se do antigo contratador; deu-lhe ampla liberdade de se recolher onde desejasse. E prometeu, passadas as precauções que aquella desgraça acarretara, providenciar a cerca de seu "justo requerimento."

Felisberto porém não pôde assistir á reabilitação de seu nome.

Morria três meses depois, longe da Patria, sem rever a familia tão injustamente sofredora.

Fontes:

Memorias do Distrito Diamantino — Felício dos Santos.

Southery — 6.º volume.

Amores Historicos — Helior Montz.

Historia da nossa Historia — Viriato Corrêa.

Apostamentos de nulla do Professor Escrivão Dornia.

U-í-ll

Caillon oimora

Linda é a granjeação da nobreza catelada,
Quando nas claras noites brilha marchelada
De estradas e lazi!

Linda é a amplitude celeste quando a noite laza
E estende sobre o mundo a luminosa faixa
De prata a cruhlar!

Linda é a serena plaga na aura madrugada,
Quando emana do sol a purpura dorida
Em fulgidas faixas!

Linda é a grandiosa esfera quando o sol nascente
Vai de sangue e lampejo rubro-verdeante,
Tingindo as amplitudes!

Linda é este firmamento em nureas algortando
Quando nem teve sopro rasga, seu bordado
Sua manto de mulher!

Linda é o esplendor do céu nas tardes primaveraes
Que o veu opalescente transforma em magesteas
De azul e roscilar.

Linda mesmo é o zimbório escuro do Infinito
Quando lhe outeiros o éo tencido do seu grilo
Nos grandes temporais!

Linda é o céu que a blasfemia das torres em fogo,
Num delirio febril de apostasias de fogo,
Transforma em madrigais

Linda é a morada eterna a casa celestial,
Linda é a morada peregrina, santa, Divinal.





IN MEMORIAM

Os homens que como **ROCHA POMBO**, se dedicam de corpo e alma a o estudo profundo, alienando-se das lutas apaixonadas e chorochoques de ambições dos que procuram ganhar postos, fôcres e devedas, merecem profundo e grande respeito.

Dito-lhes directo a isto pouco, não só a obra e o esforço mas também a dedicação e o desamplo.

Morto, Rocha Pombo continuou na penumbra do esquecimento de que ninguém ainda foi tirado

Consolados, porém, a esperança de que mais tarde se saberd dar ao enérito historiador o lugar que merece no "Pantom" dos grandes homens brasileiros.

ATENEU presta esta singela mas sentida homenagem á memória do sábio historiador que honrou a Pátria, cultivando, como antes ninguém o fizera, a sua historica rita e blia.

D. XANDOGA

CONCLUSÃO

Meu Malaguins

Para que subas que não me esqueço de ti.

Xandoga.

Malaguins rêsse dia escreveu vinte sonetos, dois poemas e compoem não sei quantos erros na escrita. Xandoga do alto da respectabilidade das seus trinta anos, aguridou o resultado. O Malaguins passou a viver das batalhas que vendia aos quilos e das que oferecia em versos á Xandoga.

Os versos seleccionados em album eram mostros, hilos, commentados e elogiados pelas amigas intimas que não eram poucas. Em breve foi ridicularizada. Imagine bem! A Xandoga apaixonada pelo Malaguins. Um réles guarda-livros. Ora!... tudo se paga neste mundo.

Este assunto discorda-se com a mestria na lingua das velhas faladeiras e consolava os amigos apaixonados.

Xandoga aceita tudo com uma especie de sarcifrio, como se fosse um preito á vendadeta pat-xão, tardia talvez, mas sincera.

* * *

Naguido dia Xandoga acordara mais contente. Juiu de tudo com facilidade. As quatro horas, porém, na sua rua revolvida havia uma chuva de molletes, correndo em torno de uma serie de corpos de luxo com graves e muruais cavaleiros engravilados e dianas empoadas.

O casamento! Casamento. Olha a cara dele!

Olha a cara dele!

Xandoga correu á varanda. Quería ver. Antes não visse...

Logo no primeiro carro, em casa e cartola comoladamente recostado nos trezentos cortos de dote lá na o Malaguins ao lado da prima Gertrudes zavalha, empanga e desdentada.

Grande provgio para Xandoga. O imprevisto estonteou-a. Vin desfilár zombeteira aquéllos que por ela se mataram e os que por ela haviam morrido.

Quvia a risota da vizinhança e a aprovação dos despeitados. Sainz cambaleando da janita, atirou-se á cama e chorou, chorou, enquanto lá fora rodavam os corpos entre a vaidade modesta:

—Olha a cara dele! Olha a cara dele! Fiaui fiaui!...

* * *

Tudo passou porém.

O tempo foi sos poucos tirando-lhe da lembrança a imagem do Malaguins, o unico homem a quem certamente andara, pobre, obscuro roman-tista, entre as pilhas de sacos de batatas do armazem do seu tio.

Interessante a aquela d. Xandoga!

UM FRAGASSO

ANTONIO DE PADUA

Rubião Fradique, o pacto funcionario dos Correios, entrou, maquie dia, cantariando, folgeito, pela porta do ministério.

Via, enfim, realizado, esse desejo que lhe povoara, sempre, os sonhos vastos de homem mediore: adquirir um par de polainas.

Cinco anos esperou éle, impaciente, êssu momento. Sim, Rubião Fradique almogava, apenas êsse minuto inachável de apoteose cesarista, quando passasse, riso trinital, pela cara aparvalhada dos vizinhos. Estes já não poderiam rihicharzar-lhe, pelo velato das janellas, a figura burguesa e comum. Sua personalidade dñ, gnhada um colorido imprevisio, no cinzento escuro das polainas.

O elevador subia vagarosamente.

Fradique, encolhido a um canto, mirava os largos pés num embovecimento estupido.

Sentia zouram-lhe nos ouvidos, as frases de admiragão invogpsi:

—“Que lindas polainas!”

—“São inglesas?”

—“Parece um ministro francês!”

Como não se monderiam de inveja os primos do Tobias, as filhas do Rezende e Pelloio, quando o vissem passar á tarde pela porta!

E éle deixou-se mergulhar estonteado nas fôlas almodadas da imaginagão.

—“Epi seu Rubião! Faça o favor de sair!”

—“O! Sim... Desculpe-me,” tropeçou Fradique abandonando o acenser.

Abotoou o grosso capote de la e entrou abriu a porta da sala de trabalho.

Não havia ninguém. Apenas o continuo dormia, curvado sobre uma pilha empoeirada de documentos. Quando Fradique entrou, ergueu a cabeça, estremunhando:

—“E! o senhor?”

—“Digne-me, homem, onde se meteu toda essa gente?”

—“Morreu o chefe e o pessoal foi ao enterro, responderu o continuo, preguizosamente.

—“O! As eternas zunbuhãs dos pequeninos E! uma pouca vergonha!”

Rubião saiu, remuendo, entre os dentes alguns improperios filisoficos. Na rua olhou para um relógio dum botiquim.

—“Tres e meia. E' cedo ainda. A estas horas não haverá ninguém á janella. Os irmãos do Tobias regressam do balido ás cinco; o Rezende, parece-me também... Não ha outro remédio, te-rel que fazer horas.

E lá se foi éle, desviando cautelosamente, para que um garoto malcreado não lhe sstasse as polainas.

Errou muito tempo pela cidade e e-lho por fim alojado no bonde do seu afustalissimo bairro.

Foi a sua viagem maravilhosa!

De quando em vez, oustava o pesoço, para fóra do velatlo, deitando-se no ombro gofdo e convidativo da malforma que lhe assentava ao lado.

—“Epi! O senhor aí da porta, queira tocar o limpato, se faz favor!”

O homem accediu resumidamente. O bonde estacionou num chindo agudo de ferros que se arrastavam. Fradique saltou, encaminhando-se para a esquina duma dessas ruas humerantes de arrabalde. Era ali que éle morava. Lá, na ultima casa de janellas varies.

Ensbando um gesto de ator subpurbano, éle arriscou alguns passos. Olhou medroso para a primeira moradia. Todas as janellas cerradas!

—“Que diabo!” pensou Rubião incomodado.

—“As filhas do Rezende não estão á porta. Saíram, na ha divéria.

Como as lagrimas quase a rebentarem-se-lhe nos olhos Rubião Fradique passou pela casa do Relatlo, do Tobias, do Sancho Cruz. Tudo fechado. A rua parecia morta.

Parava, tremulo, na calçada larga; fossa forte, provocando com a bengala um cadavro vadio. Ninguém! O desespero entripa-lhe a garganta; tinha vontade de gritar para que viessem velo. Coleto, arrancando bruscamente as lindas polainas cizentas, Rubião enfiou-se, chorando desesperadamente, pelo jardim da sua casa. Parou separado. Na sala de frente reorganizava em talalorto, toda a vizinhança. Vieram alguns sollicitos ao seu encontro.

—“Que éle não desespereasse. Adão, sua filha mais velha, tivera um ataque de histerismo. Porém não havia de ser nada.”

Chocado por dois sentimentos diversos, Rubião Fradique enquiou uma imprevgão.

FRAGMENTO

HUGO

O tempo chorava. Que magna havia lá fôrta das janelas cerradas das casas proximas satam sons estridentes de sírdias... E eu deixei rogar pesadamente o meu olhar por tudo... da minha janela aberta via-se o panorama resollo do mar que ondulava entre ilhas e rochas de outro lado a montanha que se alevantava... meu olhar pinguoso e fixo, alhar de uma alma pensativa e triste ficou esta moranaha longamente. Antes era láq verde... com sua florista crespa e ríçosa e agora empalidecera... E a çtave que cêi... e envolve assim lão timidamente a montanha comê cu pensava outrêde que pudesse subir para apenhar a lua quando estresse ben redondinha... porque era dahi que ela saia... Agora de tarde como é triste rememorar tudo isso a uma hora aborosa como esta... Relembrança... çrivos relampagos... são roças dardos que surgem... jantelicos na atmosfera brava... E' a agonia das estrelas... as estrelas são fôrças do çtê... quando as estrelas morrem o çtê se embruxa dade modo (Cobres-se todo do nuvens como se se cobrisse de tudo. E depois çlêde. E' que a çtina são lagrimas do çtê... que çdê triste, muito triste... Mais relampagos... são çlêrvas eivos e arrojados São vultos brava das estrelas... que passam relampagando pela terra...

Exceto frezejar como um lamento estertoroso do universo fruzimado que sente a morte das estrelas... E continua a relampagar incessantemente... e a tronçar... Lá longe no oceano se envergam as velas perdidas que fazem os barcos apontado para terra çtêr espuma amarelada e rochos muito agudos. E' tudo isso que me prende na janela com um olhar espubhado por todo o çentido, çsmurto e çlêdo. E' que assim como o universo tem a sua temperçade eu tenho outra temperçade na minha alma que é como um venteno, poçqueno... com estrelas. E por isso que longe dahi eu sêdo tanto. Porque longe dahi estas estrelas se apagam, çstas unicas estrelas da meu çtê... E' por isso que eu fico na janela... olhando tudo como um espelho... e ninguém çde que aquilo é um espelho porque ninguém çde que a minha alma é um poçqueno universo

ROY BARBOSA

A História que prometia a você

Quando você me pediu que contasse uma história, uma história verdadeira, achava-me tão abstrata, que não o pude logo atender.

Felizmente você não se zangou, pois não é tolo a tal ponto; mas aguarda-a impaciente, bem o sei e eis que a trago agora.

E' simples, muito simples, como são quase todas as histórias da vida; mas é verdadeira e clara como o dia. Eis-la:

Regina chegou aos 18 anos sem ter gostado de alquem. Não que fosse indifferente ou mesmo hostil ao amor, mas porque, no meio em que vivia, nunca rapaz algum conseguira prender completamente a sua attenção. Achava-os volúveis, por demais mudavos; numa palavra, fúteis. Bonita como muitas, mas de juizo como poucas, Regina mandava, sempre, attitude correta e nobre, quando em sociedade.

Sem perder a simphía e a graça que lhe eram peculiares, sabia afastar, quando necessário, um amiguinho mais usado, ou esquivar-se de um gruçço menos delicado.

As amiguinhas adoravam-na (o que nem sempre succede) admiradas, pelo castanho dondado de seus cabelos e pelo encanto de seus olhos escuros. E Regina era feliz.

Foi numa festa realizada em casa de uma de suas amigas, que Regina conheceu Celso. Uma simples apresentação, cumprimentos, e Celso convidou-a para dançar.

A principio, como era natural, existia entre elles um certo acanhamento, aos poucos desfeito pelo espirito communicativo de Regina.

Quando a festa terminou, elles já se consideravam como bons amigos e Regina desobrigava em Celso distincção ainda não encontrada em muitos de seus amiguinhos.

Dal em diante, reuniões e festas íntimas proporcionaram-lhe encontros constantes. E Regina, apesar de ainda indifferente, começou a notar que Celso tinha para ella uma attenção pouco commum.

Por diversas vezes encontrou seu olhar, que a seguia nas suas menores attitudes, nos seus menores gestos.

Pouco a pouco, a amizade que os unia foi nela transformando-se num affeto mais profundo, até que, sem saber como, ella comprehendeu que o amava.

Longe de alegrar-se, sentiu-se apreensiva, na incerteza de ser correspondida apesar de que Celso manifestava-lhe sempre o mesmo interesse, ainda que um tanto esquivo.

Regina tentou construir com naturalidade as suas relações com Celso; mas sentia trahirse ali quando lhe falava.

Este pareceu advinhar-lhe os sentimentos e numa noite de festa, enquanto os pares rodopia-

A ACADEMIA

DE HISTORIA

PEDRO II

Tere origin a Academia de Historia recentemente, no 5º anno, onde o professor Jonatas Serrano dá a sua títima aula de Historia do Brasil neste estabelecimento.

Nas ultimas aulas do mês de Junho, o dr. Jonatas Serrano, ao terminar sua aula naquelle lurna, manifestou o desejo de que seus alunos organisassem uma agremiação que tratasse da Historia do nosso país.

Revelando ao meu amigo Jorge Americo de Araújo, desejo de interpretar a idea do nosso professor, tive a sorte de encontrar nêle um verdadeiro entusiasta da Historia Patria.

Animado por Jorge Americo, convidei mais cinco collegas para conosco organizarmos as bases da projectada Academia.

Durante as férias de Junho, elaboramos os estatutos que foram approvados numa sessão preliminar gentilmente presidida pelo professor Serrano. Nesta mesma reunião foram çlêtos os que deviam dirigir a futura Academia.

Dentro tantos outros distinctos que muito mais mereciam ser çlêtos, unicamente por ser o iniciador, sei eu presidente.

Nesta altura fôo perturbado fiquei que me achei termos para, como era de minha intenção e do conhecimento dos meus collegas, esquivar-me de fã bondosa quanto imerecida escolha.

Cogitamos logo da organização da biblioteca, que reputamos de suma importancia, e, tambem, da acquisição do material para o expediente.

Dias depois de çlêta a directoria e approvados os Estatutos, tivemos a satisfação de receber os dois volumes de "Prosa Sãdia," offertidos pelo autor, Prof. Ferreira da Rosa, e, hoje, quatorze dias apês a inauguração já conta a nossa biblioteca com vinte e cinco volumes, graças ás valiosas offerças do dr. Max Fleims, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e do Dr. Jonatas Serrano.

vam ao ritmo desentreado de uma jãz, Celso conseguiu levã-la para fôrta do solido, e al longe do borbotinho consuntivoçdor, confessa-lhe o quanto a admira e ama.

Para Regina, isto foi uma felicidade que já mais soçdãra.

Vin-se amada, adorada, sem que lhe podessem reconhecê-la a do seu amor, e çsêe ha muito que ella o guardava avaramente, aumentando-o e enalhecendo-o, para um dia presentear-lo ao çlêto de seu coração...

O'1 como o vojo admirado!

Auxiliados pela administração deste Externato, adquirimos o material para o expediente.

Seio, como ream os Estatutos, presidentes honorarios os dres. Escarpelle Dorta, Pedro do Couto e João Baptista de Melo e Sousa, catedráticos de Historia da Civilização, assim como os dres. Henrique Dolarothi e Bealides Rêzo, respectivamente directores do Externato e Internato.

E' pelos mesmos Estatutos, considerando primeiro presidente de honra o dr. Jonatas Serrano, tambem catedrático de Historia da Civilização, e os demais professores desta cadeira, e o secretaria, Ernênio Luis Torres são conselheiros sôcos honorarios.

De posse do material para o expediente, procuramos o prof. Dorta para nos indicar uma data propria para a fundação da Academia. Como já disse o meu amigo Afr da Mota no bello discurso que pronunciou por occasião da inauguração, accehellou-os o dr. Esmergnade Dorta o dia vinte e três de julho, não como disse, por ser a que mais se realizavaçse com a vida do nosso Colégio, pois esse é sem utilvidade e deo de dezembro, mas por ser tambem importante e estar proximo.

Por esta razão, foi que a Academia de Historia do Colégio Pedro II realizou sua sessão de inauguração no dia em que se comemora a maioridade daquelle que foi o patrono deste Colégio e o ultimo dos nossos imperadores.

Esperamos agora que todos os que aspiram conhecer com interesse a Historia da nossa Patria, tão cheia de belezas e glórias, comecem a erguerem anim de fazer-nos os frutos de seus nobreimentos e elaborar o producto desta união, que como diz o axioma, faz a fôrça.

ASCASIO DE FAIXAS

Presidente da Academia de Historia

Rio, - 0 - 8 833

Será que não gostou da minha historia simples? Esperava-a triste?

Precisamente, ella poderia satisfazê-lo se esperasse algum tempo mais, talvez a noite, e então contar-lhe-a o seu fim.

Mas para que? Já não é a vida tão triste? Porque não te contava todas as historias no seu mais lindo treçço?

Você é certo comprehençor-me-çê, e assim terçê seu perdido por não o ter plenamente satisfeito.

MARÍÇA

ERROS DE MESTRES

CARLOS DANTAS

A certo literato que observava ter onze silabas o ultimo verso dos alexandrios "Uma creatura", de Machado de Assis, respondeu Limito de Moraes que "os bons versos nao tem piteseu asaz" (1).

E' de elleto, a frase, e o autor dos "Poemas da Morir" nao poderia manifestar "melhor do que, profundo", a intensidade e a firmeza da sua adaptacao pelo ophico romancista de "Brazil Cubas".

Convolvamos, entretanto, em que, á parte o efeito "pitocentao", é inaceitavel, por ser absurdo, o conceito do saudoso boêmio.

Sabem quantos se iniciam na arte de versar, quanto é difficil obter a publicacao de uma obra em verso que não esteja rigorosamente metrificada. O julgador da producao responde, nesses casos, ao principiante, mais ou menos isto: "Nao está de todo má, a producao que nos entrou. Publica-la-nos se não houveres nela alguns versos de pés quebrados. Concer-te-a e volte, querendo."

Isso que ai fica dito não serviria de argumento, tal exigencia de rotadores de revistas e jornais não fosse, tambem, como realmente é, de criticos e literatos em geral, naturalmente excecionados os prosodistas do "futurismo" e que-jandas parnasianas...

Orn, se de principiantes se exige a perfeicao da forma, por que dispensar aos mestres de alíngua? Seráf, acaso, admissivel que um professor de Matematica não saiba quanto somam 2+8, e ignore um professor de Geografia de que país é capital a cidade de Atenas? Por que, pois, admitir, achar natural e não censuravel, que emfrento ao verso, como tal glorificado, endossado, lembrado e citado, não haja desoberto meios e modos de acrescentar, em verso por de mesmo composto, uma simples, pequenuta, minúscula, insignificante sílaba?...

Não pretendemos dizer que, pela inexistencia de uma sílaba num verso, deva esta ser considerada má, nem mesmo julgado má o verso claudicante. Mas, constatando o erro, aceitámo-lo como tal, sem querermos negá-lo pelo só motivo de o haver cometido um luminar, pois hein certo é que, se o alto valor de um poeta não actua em seu deslize, ainda menos o atenta...

Volvamos o olhar irrevolvente para erros de outros generos... e de outros mestres... Lcamos os versos finas de um soneto, eranos que o mais celebre, de outro inenno, altissimo poeta, Vieante de Carvalho:

"Essa felicidade, que suPOMOS, arrova inlaçgosa que solhamos, toda arreuda de dourados POMOS,

Existe, sim: mas nós não ha alcançamos, porque está sempre apenas onde a POMOS e nunca a POMOS onde nós estamos."

Si, alguns dos leitores de ATENEU já concebu a má idea de enviar um sonetinho despretensoso a qualquer órgão de publicidade, esse leitor de ATENEU estará convinto, como estamos nós, de que seria a sua producao recusada si, embora livre de quaisquer outros defeitos, contivesse, todavia, nos tercetos, precisamente na classica "chave de ouro", a pobreza de rimas daquile "Vejo tema"...

Alfinaçamos dois mestres... Justo é que esprelemos um vivo: o Sr. Felix Pacheco, tambem grande poeta, e da Academia tambem... Por ser o Sr. Pacheco diretor de jornal, manda a pndancia que lhe apontamos um crinhão 96, e bem pequenno, ao contrario do que impietosamente fiseram os Srs. Antonio Torres e Agrippino Grieco, "in illo tempore" (2).

O erro he (erro de léas homographo...) do Sr. Felix Pacheco, podera ser verificado em o notio verso do soneto "As semi-virgans" (3), o qual verso é este:

"Vejo, nido e claro, o SUDICO FUNDIDO."

Mais demonstrada e atenta pesquisa nos forneceria cabedal para a explanação, talvez infinita, do assunto: erros de mestres são faccos de encontrar, quasi tanto como os das disspulos...

Não temos, entretanto, ao traçar estas linhas, propósitos commemorativos que, de resto, seriam irrisórios. Apenas quisemos opinar, intrinsecamente, a respeito da frase "emilliana."

A opinio al está. Que né-lia perdiam os admiradores de Machado de Assis, de Felix Pacheco, e do autor de "Rossi, Rosa de Amor"...

- (1) — Humberto de Campos — "O Brasil Andolico" — pag. 103.
- (2) — Antonio Torres — "Pasquinadas Caricas" — pag. 146 a 205. — Agrippino Grieco — "Petalos e Panlochos" — pag. 99 á 103 e 179 a 197.
- (3) — Felix Pacheco — "Ertos e Pansas" — pag. 141.

GLIO INSPIROU...

A Academia de Historia, que um grupo de jovens estudiosos fundou, vem mostrar que, no Colégio Pedro II, jámais será discourado o amor pelas lettras e ainda mais pela Historia.

E' imensa a nossa satisfiação e simpatia por empreitadas nobilitantes, como esta que dignifica e enobrece os que a promovem.

Chamamos, porisso, a atença da Diretoria deste Colégio para que não abandone á propria sorte essa iniciativa, que deve ser por ela animada e protegida, não por que faltam aos distintos academicos animo e ideal, mas porque assim o reclama o passado do nosso Colégio, cujo

UM NOVO SETE DE SETEMBRO

Ao pensar na comemoraçao da data máxima da nossa independencia, comemoraçao que sempre se recerirá das pompas de uma grande giganteresa, occorrem-nos a lembrança de que ainda ha uma outra independencia a fazer...

Se Sete de Setembro marcou, de fato, o primeiro dia do Brasil, como negão livre, realissima outra data marcou ainda a nossa independencia intelectual.

Não falamos da falta, que esta a tem grande escola, momento os reles de uma nova cultura, moderna, e que a contemporanea de muitos transjornaram num futurismo ridiculo.

Valermos os olhos, sim, para o povo do interior, para as crangas amargadas pela anquilobismo, maldica vergonhosa para cuja extirpação todo brasileiro deve contribuir com grande parada de seu esforço.

Não precisamos ir tão longe. Aquí mesmo, encontramos milhares de crangas, sequiosas de aprender, que encontram as portas das escolas publicas fechadas, nunca mudas desesperadores que dicula contra a nossa cultura.

Dediquemo-nos, pois, ao comemorar o centenario do primeiro aniversario da gloriosa data da nossa independencia, uma nova campanha, a da independencia intelectual, encetando um trabalho tenacissimo e persistente — a alfabetizaçao.

acervo de glórias se enriquece com mais esta, que é a Academia de Historia.

ATENEU, sempre no intuito de incentivar o alevantamento intelectual, felicitos os que levaram avante a idea do querido prof. Jonatas Serrano e repete aqui as palavras inspiradas de seu presidente, no disurso do dia 23 de Julho, em que se inaugurou a Academia, porque exprimem um desejo nobre e uma vontade férrea de vencer:

"fago votos para que hoje seja o primeiro dia em que se distinga bem a nossa Historia e se eleva mais alto ainda o nome do Colégio Pedro II, que encle de julgar o tempo e honra a patria."

Academia de História do Colégio Pedro II

Pedem-nos a publicação. Em sessão ultimamente realizada na Academia acima, foi aprovado um voto de agradecimento ao diretor deste Externato, pela maneira solícita com que recebeu os pedidos, que lhe são feitos, tendo até ha dias, entregado gentis cartas em que apresentou, o presidente aos diretores do Arquivo Nacional, da Biblioteca do Ministerio das Reliçoes Exteriores e de outras repartições congêneres, feito com que esses estabelecimentos presentessam a Academia com diversos e valiosos volumes que lhe vieram enriquecer a biblioteca.

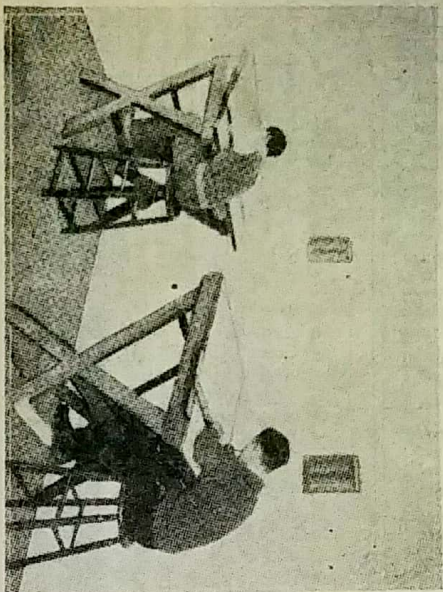
PENSAMENTOS DO MARQUÊS DE MARICÁ

Sem cobras pouco valiam os nozores. — Marquês de Maricá.

Os vocabulos de mais difficil definição são os monossilabos *len* e *mal*. — Marquês de Maricá.

Ordinariamente o homem que menos sabe é o que mais fala, como a vesella menos cheia a que mais chocalla. — Marquês de Maricá.

EURECCA !...



NAQUELE dia Geraldo acordara preocupado. Estréou os olhos bocejando, depois olhou maquinalmente o kaki surrado de todo o dia. Aquelle kaki amigo tinha todas as atribuições de uma tofete completa, servia como casaca, terno de passeio e pijama.

Nascera pobre e era com sacrifício que se mantinha no Colégio. Aquella ideia do professor aterrorizava-o. Parecia ainda ouvir-lhe a voz grossa a dizer: Quem não trouxer amanhã os apertechos de desenhos terá 0 e será expulso da sala. Alguns alunos objeteram, lembrando a crise e carestia. Que não tinha nada a ver com isso respondeu.

E aí de quem me apertecer aqui sem eles e tinha um, ani ani autoritário. Era por isso que Geraldo estava preocupado.

Precisava de prancheta, régua, lapis, borracha, mil consas que sua bolça não poderia alcançar, raquitica como estava.

Beba o café contrariado, mastigou um naco de pão e resolveu afrontar a ira do mestre com a coragem necessaria.

Caminha cabibaxo, distraindo mesmo. Numa esquina esbarrou com um colega da mesma turma que vinha assobiando o fado da Severa, contente da vida e... o que era de espantar trazia sob os braços triunfalmente, uma plancheta, régua e tudo mais.

Foi com espanto que Geraldo perguntou: Como pudeste comprar todas essas consas, se és mais pobre ainda do que eu?

— Alf meu carol! Não é segredo algum. Não calram do céu, nem foram roubados?

Mas, como és amigo, vou revelar-te. E chegou-se bem perto de Geraldo murmurando-lhe ao ouvido: Comprei-as por um preço quasi que ridiculo na PAPELARIA AMERICANA.

E ainda mais, e isto é ainda mais grave: Todos os alunos do Pedro II têm 10 % de abatimento.

Eurrcal! exclamou Geraldo. Vou hoje mesmo comprá-las. Mas onde é que fica essa bendita papelaria?

ASSEMBLEA, 90. Até logo.

Até logo. E ambos se despediram contentes como nunca.

CASA ALBERTO

CONFECAO
ESMERADA
DE FARDAS

PARA
COLEGAIS E
MILITARES

P. da Republica, 66

AO COLOMBO

GRANDE ALFAIATARIA

Osorio J. Pedro

Rua Marechal Floriano Peixoto, 181

Acceptam-se encomendas para confeccionar por preços minimos em 12 horas

Fabrica de Mesas Elasticas

e Moveis de Pinho

Rua Senador Pompeu, 76, 77, 78, 80

Tel. 4-3935

J. Bastos & Oliveira

MATRIZ

Rua Senador Pompeu, 50 e 50-1.º e 2.º andar

LEIA O

MALHO!

SENSACIONAL!

O MANDARIM

= Fazendas, Modas e Armarinho -
= Vendas por atacado e o varejo =

Avenida Passos, 77, 79 e 81

Rua Senhor dos Passos, 174 e 176

Rua da Alfandega, 217

Sedas - Lãs - Linhos - Algodões
Armarinho em Geral

CASA BOÊMIA

25-Avenida Passos-25

Telet. 2-3694

RIO DE JANEIRO

CASA SION

A MAIOR E MAIS COMPLETA CASA DO RIO
GRANDE ESTOQUE DE MOVEIS DE ESTILO
TAPEÇARIAS, TECIDOS E ARTIGOS PARA
ARMARINHOS — PIANOS

R. DO CATETE, 3-5-7-9

TEL. 5-3790 E 5-0420

ESTUDANTES!

IDE

À SECÇÃO LOJAS DA

PAPELARIA AMERICANA

ANNIBAL, TEIXEIRA & CIA

RUA DA ASSEMBLEIA, 90

TELEF. 2-8249

EXAME VESTIBULAR A

FACULDADE DE MEDICINA

CURSO DO

Professor Claudio Mello

INFORMAÇÕES

AVENIDA RIO BRANCO, 7º andar

SALA 13 — FONE 5-2539

Diariamente das 16 às 18 horas

(Aos sábados não abre)

CUPIM!

EM PREDIOS, MOVEIS, PIANOS, ARMAÇÕES, ETC.
SOLICITE SEM DEMORA OS SERVIÇOS DA

EMPRESA EXTINTORA DO CUPIM

RUA SENHOR DOS PASSOS, 70 TELEFONE 4-6439

EXAMES E ORÇAMENTOS GRATIS

FACILITA-SE O PAGAMENTO

CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

RESTAURANTE

Refeições para estudantes a 1\$500. Preços mínimos para todos.
Organização de banquetes de homenagem e de camaradagem.

LIVRARIA

Descontos especiais. O estudante que comprar na livreria da
C. E. B. compra em condições mais vantajosas do que em qualquer outro
lugar. Se dúvida venha ver nossos catálogos e nossa organização.

CURSO DE LINGUAS

Francês, Inglês, Alemão, Italiano, 15\$000 por mês, para cada
curso com 3 aulas por semana.

SALAS PARA AULAS

Especialmente montadas, com todos os requisitos. Alugue-se a
preços módicos.

RUMIO

Revista mensal. Numero Avulso \$400.

O INTERESSE DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL É SERVIR AO ESTU-
DANTE. PARA ISTO JA TEM INSTALADA A SUA SEDE CENTRAL; TODOS
DEVE VISITA-LA

L. DA GARIOCA, II - FONE 2-7193

A SIMPATIA

Moveis de todos
os estilos
Por atacada e
a varejo

Rua Visc. Itaina, 169
Tel. 4-6550

Uniformes e enxovais
para todos os colegios:

Rumo a

A COLEGIAL

Largo de S. Francisco
38 e 40

Fones 2-6025 e 2-6108

Grande Deposito
de Moveis

Vendas por atacado
e a varejo

Rua Visconde de
Itaina, 93

LIVRARIA

AUGUSTO LEITE

Compra e vende
livros usados
Especialidade em
livros escolares

Rua da Constituição, 14
Tel. 2-3392

ALFAIATARIA

ALIANÇA

*
J. Ferreira & Cardoso
*

Rua dos Andradas, 58-sol.
TEL. 4-5815
RIO DE JANEIRO

LEITERIA

MINAS E RIO

Queijos e manteiga
de Barbacena

AVENIDA PASSOS
111

UGO SPAGNUOLO

Fabricante de brinquedos

Av. dos Democráticos, 813
Bom-sucesso

Recados
Tel. 9-8036

Salão de Vendas
Publicas

O maior da America do Sul

Alberto Luiz de Castro

Lettoiro Público

Gerente Artúr Welner

Avenida Passos, 40
Tele. 4-2659

ALFREDO**MASELLI**

ALFAIATE

Rua do Ouvidor, 187
2º andar

Tel. 2-9754